

Joaquim Eduvirges de Mello Açucena

(LOURIVAL AÇUCENA)

(LORENIO)

1827

1907

BIBLIOTHECA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO NORTE

VERSOS

REUNIDOS POR

Luis da Camara Casendo

NATAL

TYPOGRAPHIA D'A IMPRENSA

MCMXXVII

Joaquim Eduvirges de Mello Açucena

(LOURIVAL AÇUCENA)

(LORENIO)

1827

1907

VERSOS

REUNIDOS POR

Luis da Camara Casado

NATAL

TYPOGRAPHIA D'A IMPRENSA

M C M X X

*Publicação do Instituto Historico e Geographico,
devidamente auctorizada.*

J
=

JOAQUIM Eduviges de Mello Açucena nasceu na cidade do Natal aos 17 dias do mez de Outubro do anno da graça de Nosso Senhor Jesus-Christo 1827. Governava o sr. José Paulino de Almeida e Albuquerque, o tercelro presidente da Provincia.

Cidade do Natal

Durante cincoenta annos, Natal progrediu tão pouco que melhor seria dizer que não progrediu. De 1810 a 1860, raros melhoramentos. Em 1810, Koster descreve-a com 700 habitantes, a Rua Grande, larga praça vestida de camapú e matta-pasto, com o orgulho administrativo da Camara e da Cadeia acaçapada, o palacio rococó dos Capitães-móres e as tres Igrejas, Matriz, S. Antonio e Rosario.

Quatro ruas de poucas casas desembocavam na Rua Grande. Annos depois é que se fechou o lado leste e a Rua da Conceição abrigou o Governo e outros centros de poderio e papellorio. Da Rosario, ao que depois de 1850 começou a ser Rua do Commercio, se estendia o denso dos olizeiros, sapotis e pitombas, o verde claro immovel das carrapateiras ramalhudas e das mangiriobas franzinas. Ao sul, margeando o risco

do "caminho de beber", embastia-se a mattaria de gameleiras, pau d'arcos, aroeiras e pau-férro.

Do Bardo ou Baldo ao Monte, toda a ellipsoide sul a leste, a vegetação irrompia vigorosa e alta, farfalhante e ampla. Casinhas rompiam a Rua Nova, em largos espaços de faxinas, onde surgia, medroso, o ensalo das flôres de casa, cravos e rancos em panellas trepadas, maravilhas rasteiras, o rubro-velludo dos amaran'os, jasmíns de cheiro suave, as perpetuas brancas, as saudades delicadas, os prime'ros estefanotes, as bocca-de-leão, as cravinas simples, os resedás insolentes de perfume. Perto dos gallinheiros de reserva, as altas espirra-deiras, as palmas dos tinhorões, sombriando as pequenas teceiras de nuvens-do-ceu. Nas praçuelas, gamelleiras, oltye, castanholas e mongubelras estendiam sombras... No Bardo, lagadlço cercado de barro batido, fazia-se ponto de banho festivo e de peraltice ingenua. Depois de 1850 ou 60, a Praça das Larangeiras reunia os plsa-flores chilreantes, de casação de belbutina, collete rombudo, calças justlinhas com fileiras de botões e o pescoço enrolado na gravata manta, com tres voltas á Feijó, contendo o quelxo e escondendo a testa nas abas do chapéu abado ou revirado, *chittit* como se disia n'aquelle tempo.

Depois da "ladeira" (muito tempo após, rua da Cruz) a Campina guardava, perenne e seguro, o grande pantano altmentado pelas marés. Havia uma pontesinha. Era um quadrado immenso, desolado, silencioso.

Corria, de sul a leste, o canavial cerrado, após, com bruscos trechos de areia lodosa, o coqueiral, espanando palmas até as encostas de Areial e Roccas. Cercadas pelas dunas e pelos coqueiros, cincoenta ou cem casas flmidas e espaçadas annunciavam a cidade. Gameleiras, fatajubelras, mongubeiras

dava: o lugar das prosas. Era a Ribeira, pequena, triste, atufada em brejos, circundada de lagoas, de atoleiros, de pantanos. Era o alvo das rajadas do cholera e de bexigas. *Lugar em fim onde morão a pobresa, a indigencia e a miseria*—gritava em 1850, João Carlos Wanderley no relatório á Assembléa.

O Potengy Invadia, lambendo as pedras das calçadas, as ruas enfilhradas. Vez por outra, terrenos alagados cediam e as construcções vinham abalxo. Em 1969 é que o dr. Pedro de Barros Cavalcanti de Albuquerque mandou fazer um anteparo. Dez annos depois o dr. Rodrigo Lobato Marcóndes Machado informava sobre o serviço do caes—*importante melhoraemento apprehendido no intuito de repellir as marés que ameaçam avassallar os terrenos e as casas...*

Com Manuel Ribeiro da Silva Lisboa a Cidade de Nat l não tinha aspecto pomposo. *As ruas em miseravel estado, sem calçamento e entulhadas de areia; sem agua, sem illuminaçào, sem cadela e sem nada*, declarava Parrudo. Novas ruas iam apparecendo no Bairro Alto,—Cidade—como ere chamada. O primeiro medico, dr. José Bento Pereira da Costa, é de 1842.

Em 1859, o presidente João José de Oliveira Junqueira inaugura a illuminação publica á kerozene, alguns lampeões, suggeridos, nove annos antes, por João Carlos Wanderley. Luz á gaz tivemos com o presidente Antonio dos Passos Miranda, em 1876. Pouco tempo antes, 1870, Natal possuia ruas calçadas, alguns chafarizes e o velho desejo—o piso de pedras na ladeira. A Ribeira estava sendo o bairro commercial, dinheiroso, materializado. A Rua do Commercio já estadeava predios e armazens repletos de assucar, algodão, sal, peles, embarcados pelas sumacas e barcaças bojudas para Pernambuco, o grande comprador. A cidade se alastrava, lenta, dos dois nucleos. De um lado, paralelo ao rio corriam as casinhas e

cochicholos de palha. Da Rua Grande, destronada pela Rua da Conceição, partiam lances de moradas vaidosas em sua branquura e no chiste das janellarias largas e telhados em cauda de andorinha. São pontos da gente graúda: Rua Grande, Rua da Conceição, Rua da Cruz, Rua do Fogu, Rua da Larangeira, Rua Nova... Nos domingos existem os lugares de passelo e de caça. Caminho novo, Barro Vermelho, Passagem, Quintas, Refoles. E, desde 1850, a prala da Redinha, pouso dos presidentes, local das peixadas e serenatas domícaes. Apesar disto, J. C. Fernandes Pinheiro escreve em Dezembro de 1871—*Em verdade a cidade do Natal, mesmo vista de fóra, parece justificar o trocadilho que lhe ouvi applicar*—CIDADE—NÃO-HA-TAL. Para o dr. Henrique Pereira de Luçena Natal era uma *villa insignificante e atrazadissima do interior* (1872). Com as eras de oitenta, a política subjuga a Provincia. Os presidentes tratam de eleições, intrigalhas, discurselras.

Os partidos tomam a serio os programmas e os lugares tenentes se degladiam em artigalhões e passeatas. Assim, até a proclamação somnolenta da Republica. O facto interessante de 1889 é ter o Conde d'Eu mandado o navio esperar por Silva Jardim, gallo de campina da propaganda, que tinha ido arranger em S. José de Mipibú.

A cidade do Natal fundada no seculo XVI nasceu no seculo XX. Os intermedlarios são periodos de historia guerreira, politica ou dorminhoca. Faz de conta que não existiram.

A Sociedade

A sociedade era patriarchal. O elemento estrangeiro era nullo ou nenhum. No interior das moradas, a sala de visitas

era lugar de uso raro. Pouca mobília. Jacarandá para os ricos. Pau preto, amarello, madeira-nova para os medianos. Tosco e louvado engenho dos artezões primitivos, servia de apparellhador incipiente. A sala de jantar é que era o domlino da dona de casa. Ahi reinava a palavra, provando o ponto nos doces, trocando bilros e esplando a tarefa das mucanas favoritas. Pouca convivencia social. Amisades de vizinho faziam-se com palestrinhas corridas através das varas da cerca divisora. Limitava-as a camblagem de receitas e de mezinhas caseiras. Acocorada nas estelras amarellas sobre o tffollo vermelho, a dona nucleava a vida íntima, recatada e simples dos antigos. De muito em muito é que ousava espreitar pelo rofulado um vulto extranho á terra. Lugar de reunião era a Igreja. A semana santa era tempo de festa de olhos. Ahi se espanejava a casaca de baetão, as calças de duraque, o chapelão alto.

A senhora se orgulhava do roçagante vestido de seda, a mantilha negra occultando o duplo bandó, ou o cosó, onde o trepa-moleque se flocava, o pescoço rodeado de collares e flos de luxo, santinhos, espritos-santos, figas de Gulné e medalhinhas e, nos dedos, grossas memorias de ouro de moeda do kelno. O clume á portugueza circumdava-a de pavor. O marido fechava-a, murava-a, distanciado-lhe a existencia livre e respiravel. E de sua parte vivia na rua, pafrador, discursero, politicolde, discutindo nomes sob as gamelleiras, incorporado aos sequitos officiaes, gradados aos saldes do sr. Presidente, longe de casa, sem noção de vida, de lar e de carinho continuado.

As distrações eram de fundo religioso. Os Santos Reis, antefesteados com serenatas e cantigas typicas á porta dos amigos—*trando os Reis*. Carnaval de entrudo com empapan-gusados gritadores e encamisados sensaborões. S. Antonio, S.

João e S. Pedro com fogueiras, comidas de milho, fogos de ar, bailarico e banho de madrugada, sob os dendezeiros e ingazeiros do Baldo. Chegada da Presidente annunciada pelos canhões da fortaleza, procissão de penitencia, assombradora e tetrica e, em Novembro, festa da Padroeira, com as novenas, fogos de vista, bailes do noiteiro na entrega do ramo e jogos flacraes, duelo lyrico e satyrico, na alegria dos palanques erguidos em outeiros—eis o cyclo das diversões sociaes. Os presidentes, exilados por dois ou tres annos em Natal, procuravam as praias, os sitios com agua corrente, faziam caçadas, teciam pilherias; e achando o tempo de espera para uellhor provincia ou deputação geral.

A cidade sem illuminação, sem calçamento, sem segurança, affastava a vida nocturna.

Quem sahia em visita, previamente annunciada, fazia-se preceder de escravos com tochas resinosas ou lampeões. Toda gente andava armada. Pela noite velha, os ladrões eram caçados á tiros afugentadores. Da Cidade á Ribeira, o silencio apavorante creou lendas, assombrações e maleficios na Ladeira. Os paredões de barro vermelho, escondidos sob as celsas, salsas bravas, ortigas e matta-pasto, intimidavam. E a distancia, o viver proprio dos dois bairros, a nenhuma convivencia entre familias, creou inimizades e appellidos de Charias e Canguleiros.

Ao-ruffo da caixa das nove horas, o silencio cahia, tangivel, sobre a cidade quieta. O casario fechado e mudo não escoava restea de luz. Em longe, o clarão oscillante e rubro do candieiro publico. Vagos rumores de passos. E ao estribillo das corujas, noitibós e caborés respondiam o canto choral da sapatla boiando n'agua negra das pòças. Comprehençe-se o prestigio dos alegres, dos vivos porta-vozes da risada, da gar-

gallada lusitana, da gallada brasileira, o riso largo, sacodido, dobrado, interminavel. A estes uniam-se as tradições de valentes, porq e andavam de noite, de intelligencia pelos versos rabiscados e de insubstituíveis, si tocavam um instrumento musical.

Joaquim Eduvirges de Mello Açucena foi, durante sessenta annos, um destes homens, um insubstituível.

Joaquim Eduvirges

Joaquim Eduvirges copiou o modelo paterno. Manoel Joaquim Açucena, afolto, atrevido, vivaz, alacre, partidario de 7 de Abril, inimigo do Caramuru, poeta satyrico, noctívago, sereno e teimoso, conquistador feliz, typo do acaba-laplha, do vira-fobó, do quebra-zambê, foi o padroeiro instinctivo do pequeno Joaquim Eduvirges. Noivo, semanalmente atravessava o Potengy a nado e la, á pé, a S. Gonçalo. Conhecia todos os segredinhos da terra. Propheticizou a morte de Parrudo. Foi amigo do doutor Barata. Para ensinar letras ao filho metteu-o no Atheneu. Deram-lhe tintas de francez, rhetorica, philosophia e latim.

Em 1839, Joaquim era levado á presenca de Dom Manuel de Assis Mascarenhas para cantar e tocar violão. Aprendera ambas as cousas no curso paterno.

A vida de Lourival Açucena é simples. Sahindo do Atheneu, empregou-se no Correio como praticante de porteiro (16\$ mensaes). No Thesouro Provincial, onde Ingressou, correu de escripturar-lo até Official-Maior (1859). Em 1861, foi demittido pelo presidente Pedro Leão Velloso.

Commandante do destacamento da Guarda Nacional em

1863. Novamente burocrata. Desta vez, na Secretaria, onde passou de posto em posto, desde amanuense até Chefe de Secção, em que se aposentou em 1878, com vinte e cinco annos de serviço.

Por este meio, foi Delegado de Policia, Juiz de Paz, eleitor da Parochia, official de gabinete do Presidente Gustavo Adolpho.

De 1861, com o *Recreio*, jornalzinho do estudante João Manoel de Carvalho, para principios de 1900, collaborou em quase todos os jornaes e revistas da Cidade. Era muito commum a transcripção de seus versos em publicações gaúchas e portuguezas. Casou em 1852, com dona Antonia Candida de Albuquerque. Em 1855, com dona Flora Carlinda de Vasconcellos. Em 1905, com a sua Porangaba, Silvania, companheira de tempos velhos. Tivora desenove filhos legitimos e treze bastardos. Ao meio dia de 28 de Março de 1907, morria. Enterrou-se ás 4 horas da tarde. Sete mezes depois completaria oitenta annos.

O poeta Lourival

Lourival Açucena foi, cerebralmente, do seculo XVIII. Possuia a ingenuidade inspirativa, a malicia ligeira, a mania mythologica, a superstição do talento improvisador. Seus versos se destinavam ao violão ou ao pedido official de alguma cousa. Poetava sob thema, batia a lyra no Outeiro, accellava suggestões banalissimas. Durante sessenta annos, governou as serenatas, as ceias e as festas intimas de Natal. Quando era menino, conheceu os "republicanos" de 1817. Intimo de Presidentes, morreu quando a Republica beirava os dezoito annos.

O vagabundo cantador era politico, afidalgado, cioso do nome e da prosapia, impassível no brodio como um grande de Espanha.

Já velhinho, tropego, arrufado de sestros e mordido de macacões, puxava a pêra e dizia para um de seus intimos— Deolindo Lima :—

—Sabe o que quer dizer esta pêra ? Não sabe ? Quer dizer Conservador, fidalgo, inimigo da canalha, seu Deolindo, inimigo da canalha!...—

E pela manhã ia ao Mercado, muito grave, de frack e num passo solenne.

De sua cultura e formulas arcadicas, bastarão as provas de alguns versos. *Pirraças de Amor, Uma prece, Deus*, todos os sonetos academicos, polidos e palacianos, as quadras tão ao geito classico de 1700—*Eheu, fame pereio, Despotismo e a Independencia do Brasil*, denunciam seu nivel e sympathias intellectuaes.

Quase todas as outras produções eram destinadas ao canto. Musico e cantor, Lourival propagava estridentemente as suas vallas. Só viajou uma vez para fóra do Estado. Aos 21 annos, cantou as lamentações de Jeremias, na Igreja do Corpo Santo, em Recife. O padre Grego, afamado pela voz, declarou-lhe depois da festividade :

--Você veio ao Recife rasgar-me a carta de cantor.

Comprehende-se quanto se julgava merecer para Natal o bohemio. Em qualquer parte, si não era o primelro a cantar, não cantava. Não admittia interrupções, falta de silencio ou de attenção profunda, emquanto garganteava.

Uma vez, uma mocinha permittiu-se conversar perto d'elle, num destes momentos. O vate pediu biscotos, deu-os a senhorinha e declarou :

—Vá V. Excia. comendo estes biscotinhos, enquanto eu acabo...

O repertorio de Lourival era immenso. Chulas, lundús, modinhas languorosas, rondós em oitava, fados portuguezes, cantilenas doces em rythmo acalentador, tudo sabia. Foi o primeiro a popularizar Fagundes Varella, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo e Castro Alves, pondo-lhes solfa nos versos e entoando-os a plenos pulmões.

As modinhas tradicionaes de Lourival são: *Eu não sei pintar amor*, *Dellquos*, *Porangaba*, *Eulina*, *Marilla*, *Mangueira*, *Flor entre espinhos*. Os lundús—*Politica e Sabid* continuam queridos.

A voz de Lourival, essa voz apregoada, estridula, clara, envolvente, interminavel, velo de geração em geração, consagrada numa unanimidade. Quadras do velho tempo marcam o grau de admiração. O poeta Areias Balão (morto em 1882) ensinava—

E' lenço p'ra toda magua,
Meizinha p'ra qualquer mal,
Ouvir-se em noite de lua
As «modas» do Lourival.

Cazuza Pontanegra, versejador sanitista nas cras de 1850, afitnava no mesmo gelto:

—A ternura de seus versos,
Ao gemer do lá bordão,
Faz nos lembrar os carinhos
De Eva com Pal Adão.

Estes dois exemplos, tirados dos extremos, dizem bastante.

Lourival era a alma alegre da cidade. Improvisador de festas, tirada de «Rezes», sonetista aos nunes da época, marcador de quadrilha, artista dramático, fazedor de brindes, compadre de melo mundo, respeltado e cortejador, era ainda aquelle que conhecia—

“os tristes desvlos
d'alitvosas creaturas.”

Da sua actuação no Theatro, os dramalhões ingenuos de antanho—ficou-lhe o sobrenome Lourival.

Em 1853, representou o papel do Capitão Lourival, filho do Coronel Facoll, na peça «O Desertor Francez». De tal maneira agradou que os amigos ficaram usando o nome do protagonista. E d'elle surgiu o arcade Lorenzo, de linguagem rebuscada, trabalhada e luzente. Nós podemos (na grammatica que já foi atingida pela compulsoria) considerá-lo puro. Elle pode ser cotejado com os seus patronos, Felinto Elyzio, Bocaige, Curvo Semedo, Garção. Merecem analyse, na oportunidade vocabular, os truques da synthese morta, os arroubos rethoricos, o effeito material e vivo das formulas poeticas empregadas.

Poder-se-ha medir a plasticidade de sua lingua em lendo—*Uma Prece e Cantata, Deus e A Uma Mangueira, Pirraças de Amor e Politica*. Em rimas Lourival não teme o preclusismo, *Despotismo e a Independencia do Brasil* comprovará.

O capitão Lourival

A outra figura em Lourival era o cidadão, o eleitor, o juiz de paz, o partidário, o político.

Verdade é que este outro vulto sempre perdeu e se anulou na confrontação do primeiro.

No governo do dr. João José de Oliveira Junqueira, Lourival já funcionário da Thesouraria, fugiu para villa de Extremoz, no intuito de cantar na Igreja, durante as festas.

Lá encontrou o presidente. O poeta meio desconfiado da inevitável reprehensão, ia voltar á cidade, quando o Junqueira mandou-o chamar e pediu-lhe que cantasse. Depois duma noite de modinhas a violão, o presidente annunciou aos circumstantes admirados:

—O sr. Lourival está nomeado Official Maior da Thesouraria.

Dois annos depois, o presidente Leão Velloso, (é o «nobre Velloso» do «Eheu, fame pereco»), pediu-lhe o voto para o dr. Amaro Bezerra. Este havia promettido a Lourival fazel-o deputado. E não fez. O poeta negou-lhe o voto e demittiu-se.

O dr. Leão Velloso nomeou-o commandante do destacamento da G. N. em armas e explicou a razão de não ter sido elle eleito para a Assembléa Provincial.

—O dr. Amaro prometteu-lhe um logar na Assembléa sob condição. Seria o sr. não cantar. Não era decente ver-se um deputado feito mestre de côro, cantando na Igreja, nas ruas... O sr. continuou na mesma forma, cantando sempre.

E Lourival:—Porque é sempre melhor cantar, que zurrar e sabe V. Excia. que na Assembléa...

A chula «Política» é a ultima palavra desse episodio.

Funcionário inimigo da repartição, mecanismo estranho á sua vida despertada e sonora, o capitão Lourival viveu sem interesse e sem realce maior os seus annos de burocrata. A feição verdadeira era o cantor, o bohemião, o violoneiro seguro e afoito. Para aquelles tempos, a serenata era honraria. Receber-se, durante horas mortas da noite, a visita de uma comitiva com violões, cavaquinhos e flautas, semelhante uma homenagem especial a muito poucos concedida. Esperava-se com meza posta e garrafa aberta a vinda dos sereneiros. Convidava-se o visinho mais amigo. No outro dia, havia o commentario, o zum-zum depreciador de quem não havia sido contemplado na lista. Dahi não desmerecer o "capitão" Lourival pelo facto de chefiar noitadas. O seu "Cantata" é o hymno consciente desse tempo.

Outro episodio typico foi a sua prisão na fortaleza dos Santos Reis. Nomeado, em 1886, administrador da Mesa de Rendas de Macau, Lourival, depois de muito capitanear serenatas e festanças, foi accusado de ter dado um desfalque de 600\$. Com multas e mais partes, a quantia era de um conto de reis. O capitão desapareceu ante a popularidade do poeta. Na ida e vinda para Macau, o processado era como príncipe em exilio. Toda gente porfiava em amenizar-lhe o "carcere" e a rudeza da lei. Condemnado a dois mezes de prisão, no forte dos Santos Reis, então sob o commando do capitão Manuel Lourenço, veterano do Paraguay e amigo do peito, Lourival teve vida folgada e milagrosa, accetando as ruidosas visitas de intimos, com cestas de iguarias e bebidas. Cumprida a pena, deixou-se o condemnado ficar mais quinze dias por sua conta, com saudades do Manuel Lourenço.

Lourival e o Instituto

O Instituto Historico do Rio G. do Norte deseja, reunindo os presentes versos em feição mais duradoura de livro, iniciar a documentação segura para a futura historia litteraria do Estado. As producções espalhadas em jornaes desaparecidos, diffundidas e deturpadas na tradição oral das modinhas, identificaveis umas pela adaptação chula de sereneiros ignorantes, foram coordenadas, buscadas em pesquisas e submetidas á revisão do velho Panqueca. O prof. Joaquim Lourival S. da Camara, socio do Instituto, era uma memoria viva do passado de Natal. Filho de Lourival Açucena, sabia as poesias do Pai e poudo corrigil-as, restabelecendo o sentido real do antigo verso. A collecção, que ora é apresentada, é a mais autorizada e clara.

Como a presente publicação significa um documento e não um estudo, a figura irrequieta de Lourival Açucena, de certo, merecerá mais amplas e detalhadas analyses de sua mentalidade e vida.

Luis da Camara Cascudo.

9 e 11 de Setembro de 1927.

Bibliographia

Luiz Fernandes—A Imprensa periodica

A. Tavares de Lyra—Historia do Rio G. do Norte (biographia.)

Rocha Pombo—Idem—(parte litteraria).

Lourival Açucena—“Polyanthéa” publicada pela Officina Litteraria Noite Riograndense.

“A Tribuna”.

“Echo Miguelino”.

Lourival Açucena e seu tempo—artigos de H. Castriciano, n’*A Republica*, em 1907.

Para esta edição, vali-me de cadernos manuscriptos offerecidos pelo filho do poeta, o fallecido prof. Joaquim Lourival Soares da Camara. As anedoctas me foram referidas pelo mesmo e a elle confiei a restauração de innumerous versos de Açucena, deturpadissimos pelo uso.

As produções constantes deste ensaio foram revistas e corrigidas pelo inesquecivel Panqueca, a quem rendo a homenagem de minha saudade.

L. da C. C.

A Política

I

Você pergunta, Yayá,
Porque deixei a política?
Você quer saber de tudo,
Você é muito *analytica*.

Pois bem, eu lhe digo:
Ouça o que eu refiro,
Porque n'esse jogo
Já fechei o firo...
Mas, olhe, menina,
Que dos meus arcanos
Não quero que saibam
Gregos nem Troyanos...
Já ouviu, Yayá?

II

Esses arautos políticos,
Quer de uma, quer d'outra grei,
Quando estão de baixo gritam:
"Viva o povo"—"Abaixo o Rei!"
Mas, o sabio Rei,
Que conhece tudo,
Faz que não entende,
Fica surdo e mudo;
E o povo que idéa,

Não tem dos negocios,
Vai crendo nas lóas
Dos taes capadocios...
Já ouviu, Yayá ?

III

Promettem ao pobre povo
Um governo angelical,
A terra da promissão,
Um paraiso ideal...
 Porem, quando grimpam,
 Cessam ás cantigas
 E tratam somente
 De suas barrigas.
 E nem mais conhecem
 Aquelle bom moço
 Com quem já viveram
 De braço ao pescoço...
 Já ouviu, Yayá ?

IV

Promettem casas da India,
Cabedaes, mundos e fundos :
Mas, quando estão no poleiro :
—Viva Dom Pedro Segundo !
 Seja, liberal
 Seja puritano,
 Traz o povo sempre
 Num completo engano.
 Gregos e Troyanos
 Procedem assim...
 Eu vou debulhando
 Tim tim por tim tim...
 Já ouviu, Yayá ?

V

Emquanto esperam maré,
Oh! que affecto! oh! que doçura!
Mas, quando embarcam na lancha,
Quanto *gaz!*... quanta impostura!
É toda caricia
Veste-se em orgulho,
E a massa fina
Reduz-sé a gorgulho.
Eu de *rapa-pés*
Estou escarmentado,
E de *farrambambas*
Muito escabriado...
Já ouviu, Yayá?

VI

Nas vespéras da eleição,
Vão á casa do compadre,
Dão beijos no afilhado,
Rompem *sêdas* á comadre...
É o pobre diabo
Entra na *rascada*,
Tomando *supapos*,
Servindo de *escada*.
Elles vão p'r'a Córte
É o compadre fica
Bebendo *juçà*,
Ou dóse de *arnica*...
Já ouviu, Yayá?

VII

Propalam grandes idéas,
Proclamam bellos principios,

Arrolam patriotismo,
Por todos os municípios.
Tudo isto é *pirraça*
Isto tudo é *pêta*.
É toda a questão
L'argent na gaveta :
Ou, então, galgar-se
O mando, a grandeza,
Para, lá de cima,
Calcar-se a pobreza...
Já ouviu, Yayá?

VIII

Morra Pedro e viva Paulo,
Com muita festa p'ra festa,
Com pouco mais :—Viva Pedro,
Morra Paulo que não presta.
Quanta incoherencia
É contradição !...
Oh ! que *mastigado*
Que especulação !...
Quem isto negar
Terá boa fé ?!...
Nega de finório,
Ou de *pai-mané*...
Já ouviu, Yayá ?

IX

Hoje, Sancho é muito bom...
Amanhã, Sancho é ruim...
Já fica sendo um demonio
Quem foi hontem seraphim.
Eu não os entendo,
Eu não os percebo,
E, n'esta *enredada*, .

Si os percebo, cebo !...
Por isto, safei-me,
Sem bulha e arenga,
E livre-me Deus
Da tal estrovenga...
Jà ouviu, Yayà ?

1884

Eu não sei pintar amor

Amor é brando, é zangado,
E' faceiro e vive nú,
Tem vistas de cururú,
E vive sempre vendado :
E' sincero, é refochado,
Causa prazer, causa dôr,
Tem carinhos, tem rigôr,
Amor... pinte-o quem quizer,
Retrate amor quem souber.
Eu não sei pintar amor.

Amor é terno. é cruel,
E' rico, é pobre, é mendigo,
E' dita, é peste, é castigo,
E' mel puro, é agro fel ;
Tem cadeias, traz laurel,
E' constante, é vil trahidor,
E' escravo, é grão Senhor,
Amor... pinte-o quem quizer,
Retrate amor quem souber,
Eu não sei pintar amor.

Amor é loquaz, é mudo.
E' moderado, é garrido,
E' covarde, é destemido,
E' galhofeiro, é sizudo.
E' vida, é morte de tudo,
E' brioso, é sem pudôr.

Traz doçura, dá travôr,
Amor... pinte-o quem quizer,
Retrate amor quem souber,
Eu não sei pintar amor.

Amor é grave, é truão,
E' furacão, é galerno,
E' paraiso, é inferno,
E' cordeirinho, é leão;
E' Anjo, e' Nume, e' Dragão,
Tem azas, tem passador,
Dá esforços, faz tremor.
Emfim, pinte-o quem quizer,
Retrate amor quem quizer,
Eu não sei pintar amor...

1883

Deliquios

Donzella bella, Eucaris formosa,
Brisa odorosa, que afugenta a calma:
Ah! foge, foge, dos salões dourados,
Que mil cuidados me despertas n'alma.

Donzella bella, Flor de Liz amada!
Mimosa fada, que de amor me encanta:
Si brinca o zephiro com o teu cabello,
Amargo zelo meu prazer quebranta.

Donzella bella, ante quem Aglaia
Córa e desmaia, vendo um teu sorriso;
Do rio á margem, oh! esconde o seio,
Po's me receio do gentil-Narciso!

Donzella bella, oh! não veja o mundo
Esse jocundo riso encantador.
Não vás ao bosque, que no bosque habitam
Deuses que excitam de volupia amor.

Donzella bella! não me dês ciumes,
Brandos queixumes, compassiva, attende,
Ouve: não queiras de Silvano a fruta,
Que a virg'incauta seductora prende.

Donzella bella ! prasenteira palma,
Vida dest'alma, que só quer amar-te ;
Da thracia lyra ternos sons desejo,
Em doce harpejo, para consagrar-te.

Donzella bella ! Venus coruscante !
Em seu levante pela madrugada,
Sob os influxos dessa luz benina
A minha sina já se vê mudada.

Donzella bella ! nenuphar mimoso,
Vergel umbroso, onde Amor descança,
Dá-me um abrigo nos teus lindos braços,
Preso nos laços da sedosa trança.

1876

A Porangaba

Minha gentil Porangaba,
Imagem, visão querida.
Só teu amor me conforta,
Nos agros transe da vida.

Quando ouço a jurity
Soltar saudosa um gemido,
Saudoso, pensando em ti.
Respondo com um ai! dorido...

Si, na campina deserta,
Terno sabia gorgêa.
Deste amor, que me inspiraste,
Vorás a chamma se ateia.

Quer procure o povoado,
Quer divague na espessura,
Mostra-me a mente abrasada
Tua elegante figura.

Estando de ti ausente,
Da saudade eu sinto a dor;
Serão teus os meus suspiros,
Minha afeição, meu amor.

Da vida o doce prazer
Em mim fenece e se acaba ;
Sò este amor não fallece,
Minha gentil Porangaba !

(Ha innumerables transcripções destes versos. Algumas resentem-se de erros terriveis. Copiei os versos acima da «Imprensa Periodica», do Dr. Luiz Fernandes, onde o Prof. Joaquim Lourival os havia revisto.—*L. da C. C.*)

Sabiá

(LUNDÛ)

Eu fui pegar passarinho,
Na matinha de Yayà?
Engendrei o meu laçinho
E peguei um sabiã.

Sabiá, eu bem sabia,
Sabiã que tú cabias.
Sabiã, fica sabendo
Que tu cahes todos os dias.

Sabiá resabiado
Na matinha arrepiou-se,
Eu toquei chama de baixo
Sabiã veio, entregou-se.

Sabiã, eu bem sabia, etc.

Saiba todo sabiã
De matta, gangorra ou praia
Que eu não armo gangolina
Em que sabiã não caia...

Sabiã, eu bem sabia, etc.

E Yayá já sabe hoje
Que eu sei pegar passarinho,
É que sabiá sabido
Não me come o melãosinho.

Sabiá, eu bem sabia, etc.

Junho de 1875.

Pirraças de Amor

Ante os cytherios altares,
Respeitoso apresentei-me,
E das *pirraças* de Amor
A Venus assim queixei-me :
—“O’ deusa da formosura,
Si fazes justiça pura,
Castiga Cupido ingrato
Que, com juras e promessas,
Pregando : môcas e peças,
Fez de mim *gato sapato*”.

Respondeu-me Venus,
De bom parecer :
“Quem se dispõe a amar,
Dispõe-se a soffrer ;
Gracinha de amor
Amor quer dizer...”

—Ouve, attende, ó linda deusa :
Asseverou-me Cupido
Que da formosa Tircéa
Eu era amado e querido ;
E, quando eu já muito crente,
Saltitando de contente,
Ia explicar-me com ella,
Rompe elle a pateada,
Solta a bella uma risada,
E, *zas...* me bate a janella !”

Respondeu-me Venus,
Com riso maligno :
—“E’ muito garoto
Aquelle menino !
Mas, não se despeite
Com o pequenino.”

Assegurou-me que Eulina,
Em deliquios amorosos,
Delirava por me vêr
Entre os seus braços formosos :
Para a escada de um sobrado,
Onde habita o bem amado,
Funesta paixão me arrasta ;
Elle, porém, de antemão,
Nos degraus unta sabão:
Virei de *bumba canastra*.

Respondeu-me Venus,
Com ar zombeteiro :
“Aquelle meu filho
E’ muito brejeiro !
Sempre foi assim,
Vivo e galhofeiro.”

Fez-me crer tambem que eu era
Os sonhos de um seraphim,
Pois que Jônia encantadora
Morria de amor por mim !
Não sei como tal noticia
Não me matou de delicia !
Mas, era uma nova entrega...
Pois, Jônia com o filho teu
Encapellou-me o chapéu
E fez de mim *cabra-cêga*.

Respondeu-me Venus,

Meneando a trança :
—“E’ muito traquinas
Aquella creança.
Só com paciencia
Affectos se alcança.”

Jurou-me, enfim, por teus mimos
E pelas aguas do Estyge,
Que por mim terna paixão
De Clorinda o peito afflige ;
Fui bem ancho ter com a bella,
Mas, teu filho unido a ella
Apresta p’r’a caçoada
Uma chusma de vadios,
Que entre gritos e assobios,
Fez-me *chispar na palmada*.

Venus, a bom rir,
Com as faces vermelhas,
Me disse franzindo
Lindas sobrancelhas :
“Quando elle chegar
Pucho-lhe as orelhas”.

De Vulcano a esposa perfida
Inda a phrase não findava,
Quando o filho adúlterino
Nesse comenos entrava.
A mãe, com lèdo festejo
Para dar-lhe um terno beijo,
Da ara desce um deg au...
E elle dizendo *xêtas*,
Saudou-me com tres *carêtas*,
E por fim deu-me um *gagau*...

Sempre os filhos seguem
De seus paes o trilha...

Si Venus é perfida,
E' perfido o filho.
E o jogo de Amor
E' só de codilho!..

1874

—

Uma Visão

De minha casa já o fogão servia
De *frio leito* ao envelhecido gafo,
Que, em altas conferencias com um rato,
Seus tratados de paz ali fazia.

Uma vez, em que a noite bem corria,
Em horas de se abrir secção no matto,
Evocando-se o demo mais gaiato,
Horrendo trasgo sob a trempe eu via.

Convulso grito, titubeante brado :
“Larva maldita, que tens tu commigo?”
Ouve-me e diz : “De ordem do teu fado,

Venho dizer-te que teus passos sigo,
Caipora... eis meu nome, desgraçado !
Amo-te muito, viverei contigo...”

Sonêto

Escrepto em homenagem ao Dr. José
Nicolau Tolentino de Carvalho, Presidente
da Provincia de 18-4-77 a 6-3-78.

Do valente Poty a patria amada,
A Tolentino illustre, agradecida,
Aos Céos implora lhe eternize a vida,
Renome excelso, gloria sublimada.

Pelos desvelos seus sempre amparada,
A crise resistiu mais desabrida,
Pelas suas virtudes soccorrida,
Na dor não succumbiu desesperada.

Hoje, em ternos adeuses tão saudosos,
Falar delle bondosa me consente
Entre filhos que tem mais prestimosos.

Conduzam o Varão nobre e clemente
Galernos ventos, mares bonançosos,
Pois quer o fado que de nós se ausente.

Acrostico

Ao invicto Marechal Floriano Peixoto

Fado risonho, resplendente gloria,
Leio e diviso bem na tua estrella,
Onde immortal, aurifera capella,
Renome te prepara em linda historia.
Inda que a inveja, das paixões escorea,
Ante teu vulto egregio se arrepella,
Não poderá, jamais, o trama della
Obter contra ti real victoria.

Por norte e guia de uma vida pura,
Em grao subido, tens honestidade,
Inteireza, criterio e heroicidade,
Xarifes que contem fama segura,
Onde brilham Callisto e Cynosura,
Tua fama, tambem, com magestade,
Ovante tomará sublime altura.

Soneto Acrostico

Por occasião da noticia do fallecimento
de seu filho, Carlos Lourival, Cadete do 10.º
Reg. de Cavallaria em S. Paulo.

Canoras aves que Jehovah creou,
Auras da tarde, brisas matutinas,
Rios, regatos, fontes crystallinas,
Lindas florinhas que Milesio amou;

Olentes prados que a natura ornou,
Sombra dos bosques, echo das collinas,
Louras nymphas de faces purpurinas :
O lindo jòvem por aqui passou ?

Undosos mares astros, genio ou fada,
Rábidas fêras que rugis ahi,
Impios sicarios que infestaes a estrada,

Vistes Adonis ? Passaria aqui ?
Ah !... Não passou.. A' celica morada
Lá foi, com Jehovah viver alli.

Marília

Meu amor, meu bem, Marília,
Marília escuta os meus ais.
Si percebes que eu te amo,
Porque me atormentas mais ?

Já te dei em holocausto
Alma, vida e coração,
Tú me dais em recompensa
Negra, feia ingratidão.

Si sou culpado em amar-te,
Crimina tua belleza ;
Não a mim, que innocente
Sigo a lei da natureza.

Estes versos são habitualmente deturpadissimos pelos pseudos coordenadores de modinhas. Posso garantir que Lou-rival só escreveu os trez que escrevi acima. Si outros apparecerem são apocryphos : garantia o filho do poeta, Prof. Pan-queca.

Sonêto

*Ao illustrissimo jovem natalense
Joaquim Fagundes*

De prendas preciosas adornado,
Tens, amigo Fagundes caro e fido,
Singelo peito de valor subido
De independencia excelsa bafejado.

De character sublime, aprimorado,
De invejavel talento enriquecido,
Tú brilhas, na virtude ennobrecido,
Como brilha em candura a flôr do prado.

Sacra filha dos ceus—doce Amizade
Taes encantos te offrece e gloria tanta
Que de ti fez seu templo esta deidade.

A fronte juvenil, eia, levanta!
Nobre orgulho tú és da mocidade
E de um amigo que te preza e canta.

Publicado no n. 7 do *Eco Miguelino*, de 12 de Novembro de 1874. Tinha sido escripto a 18 de Agosto do mesmo anno.

Acrostico

Offerecido á poetiza Anna Lima.

Alta poesia e graças a esparzir,
Não, não queiras aqui, Aglaia linda,
Nem Muza alguma pode residir
Aonde a Inveja é potencia infanda.

Là está, não a vês, Calliope a carpir?
Inda a hora maldiz da sua vinda,
Mimosa filha da Virtude santa,
Attende o vate que te presa e canta.

(São os últimos versos do poeta)
Estes versos me foram participados por Deolindo Lima,
irmão da poetiza e intimo do velho Poeta que lh'os ditou.

Uma Prece

*A' Virgem Mãe do Senhor, por
tenção do immortal poe'a Manoel Maria
Barbosa du Bocage.*

Ave, ave immortal, serena Diva,
Rosa de Jericó por Deus disposta,
Dos mortaes, de que és mãe, seu pranto enxuga,
Seus males abonance um teu sorriso.

BOCAGE, *Encarnação do Verbo*

Mulher Divina, si eu cantar pudesse
Teu nome excelso, que o inferno abala,
Nunca deixara minha pobre lyra
Um só momento de exalçar alegre
Santas virtudes, maravilhas tantas,
Que em contemplal-as a natura pasma !

Aquelle vate, desditoso, altivo,
Que achou nos vicios lenitivo triste
Ao triste fado que o seguia austero,
Aquelle vate sonoro eximio,
(Éstro assombroso...) que viveu perdido
Na nóbre patria dos Camões, dos Nunes,
As gorias tuas decantou tão alto,
Em lindos carmes de doçura angelica,
Que inda resôam pelo orbe inteiro
Éxtranhas notas que depois ninguem
Jamais em versos poude ouvir na terra !

E eu, oh! Virgem, si vier agora,
Pobre trovista de confuso estro,
Sem patrocínio, sem favor das musas,
Sem luz, sem tino, gaguejar nas trevas,
De ousada ineptia, de impericia estulta,
Sobre prodigios que o discurso estancam,
Terei por pena o merecido riso,
Do zoilo cynico, que o poeta morde.
Qual, entre as fendas de escarpada rocha,
Ave agoureira, pavorosa e triste,
Soltando guinchos, praguejando a luz,
E já cansada de imprecar desastres,
No grito pavido que ao vivente assusta,
Ensaia e vôo desigual, incerto,
E vac piando pela encosta abaixo :
Assim tambem estropeando o plectro,
Querendo á transe titubear louvôres,
No louco empenho de cantar te as glorias,
Tetricas notas sacarei da lyra,
Grosseira, humilde, carunchosa e rude,

Em rude canto, que agradar não pode,
Por tanto, oh! Virgem, ante quem submissos
O ceu, a terra, de prazer exultam,
Não venho agora consagrar-te cantos ;
Meus pobres versos, sem concerto e graça,
Fallar não podem de ineffaveis dotes,
De altos prodigios com que Deus sem custo,
Para chamar-te Mãe, Esposa e Filha,
Suspende, altera da natura as leis.
Venho curvado a essa planta augusta,
Que humilha e quebra de Lusbel as furias,
Pedir-te graças, dirigir-te supplica,
Gloria das Virgens, soberana Diva,
Preclara Idola, singular espelho,
Em que se miram divinaes virtudes,
Por Deus, me escuta, minha prece attende.

Si là na patria de eternaes delicias,

Na celeste mansão onde descansam
O sabio, o justo, o que soffreu na terra
A sêde de justiça, confiando
Do Christo na promessa fidedigna,
Habita, por mercê dum Deus Clemen'e
O inclito cantor das glorias tuas,
Bocage insigne, (o primoroso Elmano...)
Aquelle, em cuja musa refulgia
Crepitante vulcão de força ingente,
Aquelle que, exaltando as tuas glorias
Em profusas torrentes de harmonias,
Cadencia, estylo, melodia e arte
Tudo, tudo esgotou exauriu tudo;
Requinta-lhe o prazer, dobra-lhe os gosos,
Que porventura frue junto ao teu Filho:
E ca la nota, que da lyra angelica
Aqui na terra te sagrou pujante,
De luz um raio fulgurante seja
Que a fronte resplendente lhe circunde.
Porem, si acaso punição eterna
Soffre em abysso de tortura horrenda,
P'elo flagellio que, talvez, na febre
De agra volupia de paixões nefandas,
Louco ostentasse, delirante e cego,
O nobre vate que exalçou teu nome;
Ai... interpondo teus preclaros meritos,
Roga, supplica de Jesus piedoso
Que tire e salve do profundo lago
O doce e terno moribundo cysne;
Oh! não consintas, piedosa Virgem,
Que uia só momento permaneça ain'la
Na lo'rega morada dos horrores
Quem a ti consagrou cantou tão bellos;
Mystica rosa de fragrancia pura,
Candido lyrio de vernal belleza,
Limpa su'alma do negror da culpa,
Nesse bafejo virginal e santo
Com que sublimas do E'npyrio os gosos,
Acode o vate, Precxelsa Virgem,
Gentil Devanaguy mais pura e santa,
Aurora rubida que nos trouxe a luz,

Salva o poeta, teu captor adita,
Depura-o, com a gotta preciosa
Do sangue immaculado e sacrosanto
Que por elle Jesus verteu na Cruz.

Publicado no numero 8 d'A *Tribuna*, do dia 22 de Setembro de 1897.

Canto do Potyguara

(TORÈ)

Curupipa se afugenta,
Manitô esquece a *taba*,
Mas minh'alma não esquece
O amor de Porangaba.

Cahe a murta, o camboim,
O muricy, a mangaba,
Mas não cahe dos meus sentidos
O amor de Porangaba.

Cambaleia o pau d'arqueiro,
Que ao rijo tufão desaba:
Mas não se abate em meu peito
O amor de Porangaba.

Vae-se o torcaz que gemia
Ao pé da Jaboticaba,
Mas não deixam os meus anhelos
O amor de Porangaba.

Foge a abelha que zumbia
Sobre a flor da guabiraba,
Mas não foge aos meus affectos
O amor de Porangaba.

Despe a flor o ingazeiro,
A oiticica, a quixaba :
Mas não me escapa da mente
O amor de Porangaba.

Da CUNHAN remorde a face
Reimoso *capiucaba* ;
Mas não remorde o ciúme
O amor de Porangaba.

De Mohema o terno amor,
Não, não rende o Imbuaba,
Mas a mim rende e captiva
O amor de Porangaba.

Da extremosa Margarida
O amor já não se gaba ;
Mas eu decanto, ARÁHY,
O amor de Porangaba.

O *pagé* canta a bravura
Do alto *Morubixaba*,
Mas eu só canto em toré
O amor de Porangaba.

Anhangá cede a *Tupã* .
No poder que não se acaba,
Mas não cede a outro amor
O amor de Porangaba.

1874

Transcripto em diferentes jornaes. Copiei este do numero 7 do *Eco Miguelino*, de 12 de Novembro de 1874.

EXPLICAÇÃO DO *Canto do Potyguara*

Potyguara : “Comedor de camarão”, nome da tribo que habitava o Rio G. do Norte.

Toré : Melopéa indígena. Canto tristonho, prolongando os ultimos versos.

Curupira : Genio do Mal.

Manitô : Genio protector da

Taba : Casa grande, ou o ajuntamento das habitações indígenas.

Camboim : fruta sylvestre do Brasil.

Muricy : ou murici, genero de plantas malpighiaceas do Brasil.

Pau d’arquivo : nome popular do Pau d’Arco.

Torcaz : ou ainda *concliz*, ou corrução, nome de ave do Brasil, famosa pelo canto e pelas cores.

Jaboticaba : Fruta da Jaboticabeira, myrtacea do Brasil, que comprehende varias especies.

Guabiraba : Fruta da guabirabeira ; genero de borraginêas do Brasil.

Quixaba : Fruta sylvestre do Brasil.

Cunhan : Donzella.

Capiucaba : Maribondo.

Mohema : Personagem historica dos primeiros tempos da colonização do Brasil.

Inbuaça : Nome dado pelos indígenas aos Europeus; do guarany—*neboab* “pernas vestidas”.

Arãhy : interjeição ou explosão de voz (em tupy), traduzindo a saudade.

Pagê : Feiticeiro e cantor dos feitos guerreiros da tribo.

Morubixaba : Chefe dos Indios. Maioral.

Anhangá : O Diabo dos indios.

Tupã : Deus.

Poesia

*A um sitio aprasivel em que passei
um dia, em companhia de alguns amigos.*

Que sol donoso,
Que ar embalsamado
Aqui não é madrasta a natureza,
E' mãe, tudo respira almo deleite.

ALVES BRANCO, (*Vida Campestre*)

Salve, grata solidão,
Salve, sitio delectoso,
Morada de mil encantos,
Retiro delicioso.

Todo o teu gentil aspecto
Salpicado é de um sorriso,
Contemplando-o qualquer nescio
E' poeta de improviso.

Raro effeito em mim produzem
Tuas flores rescendentes,
Que antigas paixões geladas...
Sinto n'alma, agora, ardentes.

Parece que a dengue rosa,

Com garbo lèdo e vaidoso,
Entre deliquios namora
Nitido cravo formoso.

Com tua florida relva
Brinca zephyro fagueiro,
Que anima, alegre e realça
A margem do teu ribeiro.

O checéo, lindo lacaio
Dos volateis companheiros,
Solta engraçados gagaos
Sobre teus bellos jambeiros.

No majestoso coqueiro
O cupiro altisonante,
Com variados concertos,
Beija, affaga a doce amante.

O auri-negro concliz,
Sobre mangueira copada,
Maviosos sons desprende
Da garganta atenorada.

Em symetricas fileiras
De lorangeiras frondosas,
O canario, em sustentidos,
Tira notas sonoras.

Por bemol o caboc'linho,
Saltitando aqui e ali,
Modula, mais não se esquece
Do maduro sapoty.

O canoro pintasilgo,
A patativa queixosa,
Com seus apójos encantam,
Na orchestra harmoniosa.

O mimoso curió,
No castanheiro vistoso,
Com seus magicos preludios
Se apresenta primoroso.

Tambem o dourado «encontro»
Lá está, de quando em quando,
Em branda terça menor
Sua lyra temperando.

Ouverturas e duêtos,
Boas chulas e lundús,
Aprecio, transportado,
De anilados sanhassús.

Outros musicos dos bosques,
Sobre ramos verdejantes.
Descantam agras saudades
Dos seus peitos palpitantes.

O saudoso sabiá
De maestro aqui figura,
Um solo sobre a palmeira
Executa com ternura.

Na sombra refrigerante
Do poetico pomar,
Passea e geme a rolinha,
Chamando o seu doce par.

Oh! sitio ameno e risonho :
Tuas crystalinas aguas
Um peito afflicto banhando,
Lhe afugenta as tristes magoas.

Tu me inspiras e offereces
Summo prazer, gosto tanto.,
Que te darei eu tambem ?
Dou-te o meu insulso canto.

Copiado do numero 10 d'A *Tribuna*, de 24 de Outubro
de 1894. Foi publicado no *Recreio*, em 1861.

Ao Conselheiro João Alfredo

Não consintas Alfredo, eximio e justo,
Que impios apost'los de uma seita indina,
Postergando do Christo a sã doutrina
Menospresem as leis e o solio augusto.

Tu podes, de uma vez, banir sem custo
Essa horda rebelde e viperina,
Que nossa cara patria contamina
Derramando a discordia, o pranto e o susto.

Tens meritos preclaros, és brasileiro
Imita com teus feitos gloriosos
Alto Ministro de José Primeiro,

No sacro pantheon de heroes famosos,
Teu nome brilhará sempre altaneiro,
Por entre doces carnes sonorosos.

1874

Glosa

Motte

De arroz, assucar, formiga
Fiz a minha sobremeza.

Dado ao poeta pelo senhor José Domingues, por ter encontrado formigas no prato em que se servia.

Tomára achar quem me diga,
Sem à verdade faltar,
Si alguém já teve um jantar
De arroz, assucar, formiga.
Somente a minha barriga,
Sem nauseas, sem extranheza,
Acommoda com certeza
Grillos, pulgas, maripozas.
E destas cousas e *loisas* (*)
Fiz a minha sobremeza.

(*) *Cousas e loisas* era o ditado da época, queria dizer "e outras cousas iguaes".

Esta glosa me foi ditada, no dia 28 de Maio de 1920, pelo Prof. Joaquim Lourival.

Deus

Desperta-te, alaúde e harpa, que
despertarei na alva do dia
Louvar-te-hei entre os povos, Jehovah :
psalmodiar-te-hei entre as nações.

Canticos de David.
107. vv. 3 e 4.

Oh ! Deus Immenso, Poderoso e Forte,
Deus infinito de inaudito amor,
Abre Teus cofres de thesouros tantos
Que a tantos vates Teu amor concede.
Dá-me de Eschylo, de Virgilio dá-me
Aquelle genio (divinal portento !...)
Que não quizeram consagrar a Ti,
De heroes e prados se occupando sempre,
Nem um só canto para Ti guardaram!...

As maravilhas, que são obras Tuas,
Sim, contemplaram de harmonia ebrios
Entre os enlevos de sonoros cantos ;
Mas, esqueceram na vaidade louca
Que esses prodigios de belleza tanta
Eram migalhas que te cahem das mãos !...
Calaram cantos que soar deviam,
Oh ! sim, calaram, quem negar se atreve ?
E as lindas notas de melhor arpejo,
Que a lyra eburnea soluçar queria,
Retemperada no preludio brando,
Ah ! não sacaram porque eram Tuas.

Oh! Deus Supremo, creador de tudo,
Trino em pessoas, quem a Ti se eguala?
Abre estes cofres de thesouros tantos,
Que abriste a Homero, a Propercio e a Dante.
Dá-me uma lyra, que sagrada a Ti,
Que a Ti só diga quanto em mim eu sinto,
Pois este mundo de illusões' de enganoso,
Zomba, escarnece do singelo crente.
Dá-me um arpejo que, de Ti só digno,
Só Tu entendas o que nelle explico,
Dá-me harmonias divinaes, extranhas,
Que aos maos confundam, que aos fieis encantem.

—Eu Sou Quem Sou--Assim disseste ao inclito
Moysés egregio, destemido e crente,
Que humilde e grato te escudou prostrado,
Quando fazias o Sinai tremer!
É trovejando do Thabor nas grimpas,
Quando do Christo testemunho davas,
Terri-el, assombroso ali falaste,
Com extranho brilho e magestade tanta,
Que o sol ardente receiando olhar-te,
Seus raios fulgidos escondeu medroso!
Quando no Golgotha, em supplicio horrído,
Teu Filho Amado nosso bem firmava,
O universo de terror convulso
Submisso pede que o enojo aplaques,
No ceo, na terra, no universo inteiro,
Phase condigna não se achou, não ha,
Que possa ao certo definir Quem E's!

Impios descritos, de saber estulto,
Vós, qual a serpe que deudeja cega,
Entre silvados, sibilando atôa,
Viveate biceps, oh! não vê bem perto
Medonha flamma crepitante, horrível,
Lavar no solo que o cultor prepara,
E vai raspar se no voraz incendio;
Seguiu a trilha da mortal sciencia,

Sem luz, sem norte, vesgueando a tudo,
Ou antes, tudo tacteando cegos,
Por entre os dedalos do sophisma louco,
Até lançar-vos no fatal abysso.
Mas, quem na terra haverà que possa
Cantar Aquelle que dizendo—"Fiat"!...
Tudo viu feito, viu com vida tudo? !...
Inda assim, quero, te supplico, imploro :

Deus Piedoso, Presciente e Justo,
Favor e graça p'r'a sagrar-te um hymno.
Dá-me harmonias divinaes, extranhas.
Que aos maos confundam, que aos fieis encantem
Glorias, Hosanas, que nós ceos te encantam,
Inda não bastam, meu Senhor Eterno,
Preciso faz-se que na terra os homens
Te sagrem cantos, melodias brandas,
Abemolados em adagio terno.

Copiado do n. 11, de 9 de 11 de 1897. Traz no fim a
nota: "E' a segunda publicação a pedido".

O Pintasilgo

(LUNDU')

Linda, innocente avezinha,
Pintasilgo, não gorgieies.
Da saudade o voraz fogo
Mais e mais, oh !... não ateies.

Estribillo

Habitador
Da selva escura
Minha ternura
Não te commove ? !
Nem mesmo Jove
Meus ais escuta,
Pois, nesta gruta
Choro meus males...
Peço te cales,
Que esse teu canto
Mê afflige tanto...
O ! Plntasilgo !

Si tu amas, insensivel
Aos revezes do destino,
Eu amo, e sinto os effeitos
Do seu impulso ferino.

Est.

Habitador, etc.

Vae alegre procurando
Os encantos do teu ninho,
Que eu fico triste a soffrer
Da saudade o duro espinho.

Est.

Habitador! etc.

1854

Flôr entre espinhos

Em terra escabrosa
De brenhas escuras,
Por entre fraguras
Nasceu linda flor.

Ao vel-a, senti
No meu triste peito
O magico effeito
Que produz amor.

Emquanto minh'alma
Se ardia penosa
Na chamma inditosa
De louca paixão.

A flor innocente
Parecer dizia
Que unir-se queria
Ao meu coração.

Tentei arrancal-a
De sitio tão feio
E pôr em meu seio
A flor, que é meu bem.

Mas, ah ! o cardume

De espinhas agudas
E urzes pelludas
Meus passos contém.

E a flôr que me encanta,
Vivendo entre espinhos,
Ficou sem carinhos,
Ficou sem amor.

E eu soluçando
Chorosas endeixas,
Do fado mil queixas
Maldigo o rigor.

Aldeia Velha.

A uma Mangueira

Copada mangueira,
Vistosa e faccira,
Que do rio à beira
Se vê florear.

Me lembras o dia
De amor e folia,
Em que terna ouvia
Marília cantar.

Que bellos folgares,
Que lindas esgares,
Que ternos olhares
Eu vi junto a ti.

Que gratas ledices,
Que mil garotices,
Que amor, que meiguices
Então eu frui.

Na tua ramagem
Por entre a folhagem
Vinha a doce aragem
Branda, respirar.

Tambem no enrêdo

Do mago brincado,
Marília em segredo...
Ouvi suspirar.

Sentada na areia,
Cantava a sercia,
Mostrando-se cheia
De gosto e prazer.

Porem, no entretanto,
Visei com espanto,
As gottas de um pranto
Marília esconder.

Mysterio de amores
Que envolvem pudores
De riso e de dores
Cantar eu não sei.

Só sei que a doçura
D'afeição mais pura
Da sombra á frescura
Ditoso libei.

Amores, affectos,
Carinhos selectos,
Afagos dilectos
Me viste gozar.

Mas, disto somente
Conservo na mente
Lembrança pungente,
Que fêre a matar.

Frondosa mangueira
Altiua e faceira
Que dita ligeira
Me vens recordar !...

Não lembres o dia
De tanta alegria
Em que me sentia
N'um anjo a cantar.

1875.

Quem dera...

Auras perfumosas
Festejai as rosas
De côr purpurina,
Que a bella Aurecina
Já olha p'ra mim.

Estrilho

Quem dera !... Oh ! meu Deus
Vel-a sempre assim.

(repete no fim dos versos)

Mimosa açucena,
Orna-te com a amena,
Gotta matutina,
Que a bella Aurecina
Já olha p'ra mim.

Gentil beija-flor,
Sorve com fervor
A essencia mais fina,
Que a bella Aurecina
Já olha p'ra mim.

Regato, serpeia

No prado, campeia,
Abre-te, ó! bonina!
Que a bella Aurecina
Já olha p'r'a mim.

1874.

—

Qui potest capere capeat

Porque razão,
Lindo pavão
Ouço grasnar
E resmungar ?
Gralha praguenta
E virulenta
Contumelias crocitando
E a sua côr deslembrando ?

Vem cà, fagueiro,
Fiel rafeiro,
Porque o raposo,
Tão cavilloso,
Là está uivando,
E regougando,
Todo ardil, todo maldade,
Contra a tua lealdade ?

Torcaz ligeiro,
Lindo e faceiro,
Porque o nefario
E sanguinario
Açor cruento,
Tão violento,
Entre as garras furiosas
Te rasga as pennas mimosas ?

Alma remida

De Deus querida,
Porque Lusbel
Anjo infiel,
Tão carrancudo,
Ingrato a tudo,
Quer dar graças por insidias,
Expellir-te com perfidias ?

Doutor Segundo,
Vate profundo,
Diga a razão,
Dessa paixão,
Desse rancor,
Desse furor
De verdugos insolentes
Contra tantos innocentes ?

19 - 2—1906.

Glosa

Motte

Escorei Nossa Senhora
Com um bacamarte na mão.

Glosa

Contra a Virgem, que se adora,
Renhida questão se trava,
Mas, eu tomando a palavra,
Escorei Nossa Senhora.
Os ímpios sahem, vão embora
Receando a conclusão,
Porque, eu lhe disse então,
Que afinal sustentaria
A pureza de Maria,
Com um bacamarte na mão.

Dictado pelo Prof. Joaquim Lourival.

Ah !... crê Marília

Marília bella,
Meu doce encanto,
Não sabes quanto,
Por teu respeito,
Eu terno sinto
Dentro do peito.

Assim prenda querida, idolatrada,
Vou levando esta vida amargurada,

Na phantasia
Sempre te vejo,
Te adoro e beijo,
Mas, soffro logo
Triste desgosto.

Porque vejo e conheço ser delirio
Da paixão que me dá duro martyrio.

Si fallo ou canto,
Si durmo ou velo,
E' meu desvelo
Ter-te na mente,
Ah! crê, Marília,
Em quem não mente.

E si queres de Amor os votos meus,
Vou, curvado aos teus pés, jurar por Deus.

Ouve, ó! meu anjo,
Tu me encantaste,
Tu me mataste,
Como?! Não sei..
Só dizer posso
Que vi-te, amei.

Com amor mais ardente e fido
Que o purô amor de Tasso estremecido.

Ora... Isto não é o Cão?...

(LUNDU')

Marilia, de ti se queixam
Meu amor, minha paixão,
Porque te fallo e me dizes
“Ora, isto não é o cão”?...

A um anjo como tú,
O Demo não tenta, não,
Por isto nunca me digas
“Ora, isto não é o cão”?...

Eu sei que essa phrase occulta
Grata, amorosa intenção...
Mas me vexas, quando dizes,
“Ora, isto não é o cão”?...

Si és alma de minha vida,
Eu sou do teu coração...
Assim não me digas mais :
“Ora, isto não é o cão”?...

Porem, Marilia, isto é graça,
Não me offende esta expressão,
Tú me amas, quando dizes :
“Ora, isto não é o cão”?...

Grava-se todo em meu peito
De Amor o duro farpão
Quando dizes amorosa :
“Ora, isto não é o cão?...”

Ah! dize, dize Marília,
Comprehando, tens razão,
Dize, meiga e carinhosa,
“Ora, isto não é o cão?...”

1 de Outubro de 1875.

Glosa

Motte

Evangelistas na missa...

Já vi o mar em socego,
O odio tornar-se amor,
Borboleta em beija flor,
Rato virar-se em morcego,
Vi querer ser Papa um leigo,
Vi trabalhar a preguiça,
Vi se calar a justiça,
Mas, inda não tinha visto,
Perante a imagem de Christo,
Evangelistas na missa.

Dictado pelo Prof. Joaquim Lourival.

Charada “Porangaba”

Ao Dr. Henrique Camara

Naquelle tremendo dia
De prantos, susto e alaridos
Os tristes filhos de Adão,
A que serão reduzidos? PO’.

Coitadinhos! Querem Rei RÃ
De senso, justiça e paz.
Mas, o tal Jove tonante
Lhes manda a serpe voraz.

Agora, caro leitor
Como a obra fecharei?
Mette um I no permeio
Que o nome terás dum Rei *Ca-l-ba*

CONCEITO

Nas plagas brasilienses,
Dos cearenses vergeis,
Mais linda que a linda Flôra,
Conquistava mil laureis.

De rosas e belvedôres

Trazia a fronte cr'oadada.
Era a miragem dos campos,
Era a estrella da alvorada.

Mas, teu filho, oh! Paphia Deusa,
Inspirou-lhe infausto amor.
Foi o infausto menino
De seus males o motor.

Acabou com vida infame.
Mas ella, infame não era,
Quem reziste a um terno amor,
Quando no peito lhe impera?

Do numero 7 do *Eco Miguelino*, de 12 de Novembro de
1874.

Glosa

Motte

A estrella d'Alva é bonita,
Mas não é como o meu bem.

Quando o rebanho se agita
Pela flauta do pastor,
Quando o rocio enfeita a flôr,
A Estrella d'alva é bonita.
Seu nobre esplendor imita
Ao da candida cecem,
Seu fulgor que fica alem
Do brilhante e da saphira,
E' lindo, é bom, sem mentira,
Mas não é como o meu bem.

Lusbel, o anjo sem dita,
Que no ceu fez rebeldia,
Por Lucifer se dizia
A estrella d'alva é bonita.
Por ser lindo, elle acredita,
Não ser sujeito a ninguem
Neste planeta tambem,
De nome e belleza equal,
Julga-se só, sem rival,
Mas não é como o meu bem.

Lourival Açucena fez deste motte trez ou quatro glosas, porem o seu filho, Prof. J. Lourival, só se recordava de duas; obriga-me a consignal-as somente.—*L. da C. C.*

Epitaphio

*No tumulo do joven Sebastião Athanasio
de Oliveira, nascido a 2 de Maio de 1354 e
fallecido a 9 de Agosto de 1878.*

É esta a flor, que no sorrir da vida
Cahiú ao sopro do tufão da morte,
Mas, o perfume do quebrado calice
Nos ceus encontra melhor vida e sorte.

Cantata

Em boa noite de festa
A minha opinião è esta :

Quem não se titila ouvindo
Um violão, alta noite...
Em mão que o tanja e açoite
No *menor*, que fere o peito?...
Em lindo luar de estio,
Não, não perco *marruada*,
Em vida triste, isolada
Não acho graça nem geito,
Por isto quem quizer pode
Meu systema reprovar,
È quem de mim se occupar
Que lhe faça bom proveito...
O misantropo (agiota)
Que sò quer guardar vintem,
Que gosto, que gloria tem
Nesta vida transitoria?
Si a vida è incerta e curta,
Para que tanta ganancia,
Sem prazer, gosto e flamancia,
Sendo dos homens escorea?
Chiquinho afina a viola,
Vamos cantar, meu amigo
Não quero choros commigo,

E nem admitto historia...
Na patacá do mesquinho

Tem o demo trez tostões,
Tem mais dez reis os zangões,
Que festejam-lhe o cõrção...
Que resta ao pobre diabo
Que nunca em função se viu ? !
Não comeu, não divertiui,
Empedrado como ouriço,
Quem quizer pode gritar
Contestar meu parecer,
Mas, si a mustarda me arder,
Veja que encontra serviço...
Quem não puder ser pantana
P'r'a bobo não metta empenho,
Que lucro, que ganho eu tenho
Em viver sempre a ermar ?
Não tenho genio de monge,
Nem tambem de caboré
Hei de quebrar no dô-ré...
Até Bernardo chegar.
Andreza, traze café,
Traze pão, queijo e batata,
Não dispenso a serenata,
Pois temos bello luar.
Viva a critica mordaz
Com sua misantropia,
Que eu itei entre harmonias
De boas chulas passando...
Quem for mocho ou curujão
Viva lá sempre escondido...
Cã o homem divertido
A vida irá flautando.
Bata o pinho, corra o vidro,
Haja bolo, haja cangica,
E gostos á tia Xica
Neste mundo vamos dando.

Uma musa decrepita e cansada,
Do caruncho da idade carcomida,
Percutindo na lyra envelhecida
A nota ha de sacar desainada.

Mas, em phrase, direi desalinhada
Que uma virgem conheço enobrecida,
(Formosa Hury) de dons enriquecida,
De celestes virtudes adornada.
Crê-me oh ! Coelho, meu sincero amigo,
Que hiperbole, fallacia não me encanta,
E nem contracto ou pacto fez comigo,
Em seu rosto transluz candura tanta
Que a toda hora, a todo instante digo
“Não parece mulher, parece *santa*.”

Motte dado pelo sr. Manoel Coelho de Souza e Oliveira.

O Despotismo e a Independencia do Brasil

Do Despotismo
O genio sordido
E o balio morbido
Soffre o Brasil.
No seu valente
Pulso athletico
Supporta tectrico
Duro grilhão.
Altos decretos
Da Providencia

Com reverencia
Sabe acatar ;
Porem, brioso,
Calca o flagicio
E ao Ceu propicio
Levanta a voz.
Os meus gemidos
Do teu aurifero
Solio estellifero
Ouve, ó Tupan.

Não mais consintas,
Lá do Empyrio,
Neste martyrio
Da escravidão.
Oh ! tem piedade,
Tupan, clemencia,

Independencia
Ou morte já,
Do diamantino
Assento fulgido

Rubroso e fulvido
Falla Adonai.
Que sejas rico,
Sabio, liberrimo,
Nobre, integerrimo
Eu hei por bem
E dou-te em Pedro
O heroe mais bellico,
O teu angelico
Bem tutelar.

Já sente o monstro
Cruel, satanico
Um terror panico
Regelador.
E' que o arresto
De Jove inclito
Lhe quebra o impeto
Fero e mortal.
Os seus sequazes
Ministros perfidos

Procuram fervidos
A fuga vil.
Lá repercute
O echo nimio
De Pedro eximio
Imperador !
No Ipiranga
Dà grito rigido
Que torna frigido
O monstro audaz.

Rangendo os dentes,
Convulso e barbaro,
Damnado o Tartaro
Em seu covil.
Lá escancára
A bocca horrida
E a fauce torrida
Tenta rasgar ;
Lambendo as patas
O monstro sábio

Afia esqualido
Dente fatal.
Pois que inda intenta
Noutro hemisferio
Seu negro imperio
Reivindicar.
Atrôa o antro
Nojento e lobrego,
Bem feio e sofrego
Urso feroz.

No desespero
Flamma sulfurca
Lhe estanca a furia
Ei-lo no chão.
A mais ridente
Aurora rubida
Desponta lucida
De encantos mil.
Ella annuncia
O mais licifero

E salutifero
Dia feliz.
Setembro salve...
No dia setimo
De maior prestimo

Que não tem par.
Dia faustoso
De pompa regia
De gloria egregia
Para o Brasil.

Lá grita o povo,
Por excellencia
Independencia,
Viva a Nação!
Repete o echo,
Na eminencia,
‘Independencia!
Viva o Brasil!’”

1861

Purpurea flôr

Purpurea flor, linda rosa
 perfumosa,
Eu te contemplo e nampro,
Eu vejo o teu colorido
 reflectido
A' face de um bem que adoro.

E' Glaura, fada bemdita,
 Que medita
Nas vascas de acerba dôr.
E' minha luz cambiante
 coruscante,
E' meu anjo, é meu amor.

Seu olhar, seu passo e riso
 Eu diviso,
Quando essas brizas te embalam,
Suponho escutar-lhe a medo
 Um segredo
Quando os favonios te falam.

Linda flôr aljofarada,
 Borrilada
Pelo rócio matutino,
Tú, pareces na paysagem
 A miragem
Daquelle archanjo divino.

A' Senhora da Apresentação

Linda filha de Deus, Mãe amavel,
Salve! Salve! O' Esposa de Deus...
Vossa gloria é perfeito louvor
Só se pode cantar lá no Ceu.

Sacra effigie, formosa, adorada,
Mudamente do alto annuncia
Que dos jovens fieis natalenses
A sagrada missão principia.

E's a imagem d'aquella heroína
Que ao Dragão infernal conculcou.
Da Rainha dos Ceus e da terra
Que dos homens o pranto enxugou.

Vae Imagem de nós venerada
Com a aragem lagueira brincar,
Inspirando respeito e prazer,
Para a festa os fieis convidar.

24—11—1861.

Noite dos Rapazes. Publicado no *Recreio*.

Variedade

Não é charada ou enigma,
Nem tão pouco metagramma.
Tambem não é logogripho
O que é? Como se chama?
Para que advinheis
E' mister que decifreis.

Do Amor, saudade e ciúme
Crua guerra estou soffrendo,
Por uma gentil Deidade
Que me faz viver morrendo.

O' cruel açoite
Da impia Megera
Mais que o seu desdem
Tormentos não gera.

Seu nome é qual doce som
De queixoso violão,
Ou da flauta á meia noite
Do amante em solidão.

Dizel-o não posso,
E' crime, é defeito,
Soar deve só
Cá dentro em meu peito.

Não é Jônia, nem Arminda,
Não é Maria, nem Lília,
Não é Glaura, nem Ersina,
Nem Anália, nem Marília.

Não é Filomela,
Nem também Francina,
Natalia não é,
Nem mesmo Josina.

Entre Belisa e Temira
Existe tal harmonia
Que bem combinada explica
Dum tal nome a melodia.

Inda disse muito
Quanto não devia,
O' ! Musa indiscreta !
Tanto eu não queria.

Formosa como uns Amores

Marilia, ouve-me, escuta,
Ah! modera os teus rigores;
Eu te amo, porque és
Formosa como uns Amores.

Subindo ao Parnaso eu vi,
Ardendo Aglaia em furores
Desdenhar-te, porque és
Formosa como uns Amores.

Thalia, cheia de inveja,
Disfarçando seus pudores
Não pode negar que és
Formosa como uns Amores.

De pejo, Eufrosina mostra
A face em diversas cores,
Mas confessa em fim que és
Formosa como uns Amores.

As Deidades do Parnaso
Prorompem em mil clamores,
Despeitadas porque és
Formosa como uns Amores.

Mas, Apollo enamorado

De teus mimos e primores,
Responde-lhes: “E’ Marilia”
Formosa como uns Amores.’

E eu, ó bella Marilia,
Não te faço aqui favores,
Repetindo que tú és
Formosa como uns Amores.

Publicado em 1885, no *Pandego*.

Queixumes

Attende, o' bella,
Ouve, o' Corina,
Harpa que alina
Esta minh'alma,
Sustem, acalma
Tanto despeito...
Que a este peito
Suffoca e mata.

O negro Averno
Se enterneceu,
Tocando Orpheu
Na doce lyra,
Mas não te inspira
Ternura e dó
Harpa que só
Respira amor ?

Tudo agita,
Tudo se abala,
A rocha estala
A' voz de Amphion
Porem o som
D'harpa que gemo
De dor extremo
Não te commove.

Do mar profundo

Surgem tritões
A ouvir os sons
D'harpa de Zino
Só teu indino
Peito feroz
Desta harpa a voz
Nunca se abranda.

Eheu, fame pereio

Escuta, ó Arbitro
Do Universo
Meu triste verso,
Eheu, fame pereio.

De Abraham, Isaac
E de Israel,
O' Deus fiel
Eheu, fame pereio.

Si dèste ao povo
Lá no deserto
O manà certo
Eheu, fame pereio.

Tu que remiste
O peccador,
Ouve, o' Senhor,
Eheu, fame pereio.

Si dás ao Martyr
Força e valor,
Meu Redemptor
Eheu, fame pereio.

Não desampares

Teu pobre servo,
Bem que protervo
Eheu, fame pereó.

Oh! Não ostentes
O teu poder
No meu soffrer
Eheu, fame pereó.

Mostra-o Senhor,
P'r'a o Oceano
Que rugé ufano,
Eheu, fame pereó.

Mostra-o na feia
Procella undosa
Que freme irosa
Eheu, fame pereó.

Mostra-o no feio
Tufão tremendo
Que berra horrendo
Eheu, fame pereó.

Mostra-o e ostenta-o
Com o desabrido
Impio e descrido
Eheu, fame pereó.

Mostra-o tambem
P'r'a o que não quer
Nosso irmão não ser
Eheu, fame pereó.

Mostra-o ainda
P'ra o orgulhoso
E ambicioso
Eheu, fame pereoo.

Eu, serve indino,
Fraco, imperfeito
Te amo e respeito
Eheu, fame pereoo.

Lâ grita o filho
Do coração
“Eu quero pão”
Eheu, fame pereoo.

Responde a Esposa,
No transe amaro,
“Esposo caro
Eheu, fame pereoo.

Em mim preparas
Um outro Job ?
De mim tem dó
Eheu, fame pereoo.

Dá-me, o' Monarcha,
Pae do Universo,
Fado diverso
Eheu, fame pereoo.

Mandá-me auxilio
Sinão eu morro,
Dá-me o soccorro
Eheu, fame pereoo.

E tu também,
Nobre Velloso,
Si és piedoso
Eheu, fame pereço.

Publicado no *Recreio* 1861.

A mensagem

Vae, sobe, o' meu Verso,
Vae ao alto Pindo
Rebater as magoas
Que vivo carpindo.

Là de Mnemosyne
Chega-te a presença
E para falar-lhe
Supplica licença,

Rende-lhe teus cultos
Dâ-lhe vassalagem
E todo curvado
Presta-lhe homenagem

Pede-lhe que te mostre
Suas filhas bellas
Pois levas rendado
Para todas ellas.

Apresenta-te ás nove
Formosas Camenas,
As minhas saudades
Minhas duras penas.

Diz-lhes que os cantos

Que ellas me inspiraram
Já em triste pranto
Prestes se mudaram.

Que vivo do Fado
Fazendo mil queixas
Cantando somente
Insulsas *endeixas

Conta-lhes meu Estro,
Que eu sem o amavel
Tratamento dellas
Vivo inconsolavel.

Mas este não é
O fim da mensagem
Nem mesmo o motivo
De tua viagem.

Eu te exponho tudo :
Descubro o segredo,
Que de Argus e Zoilos
Nunca tive medo.

Ha uma entre Ellas
Por quem eu suspiro,
Por quem desatino,
Anceio e suspiro.

Ella tem a forma
Toda angelical,
E' uma que canta
Com voz divinal

Na mão tem a flauta
Por e'la inventada,
Regendo harmonia
De um'arte encantada.

Com a linda fronte
Coroadada de flores,
Desprende da frauta
Sons encantadores.

Por esta é que sinto
Mais paixão no peito,
Por quem sinto n'alma
Amor mais perfeito.

Euterpe... se chama,
Que nome engraçado !...
Eu sempre o repito
Todo extasiado

Nessa feitiçeira
Dá um abracinho,
E muito em surdina
Um doce beijinho

Diz-lhe que ando
Perdido por ella,
E que nesta vida
Só anhele ve-la

Mais isto farás
Com tanto recato,
Que zelos não sintam
Thalia e Erato.

Mesmo de Calliope
Eu tenho receios
Que pena prescinta
Os teus devancios.

Emfim, como a todas
Rendo adoração,
Só conheço de Euterpe
A predilecção

Volta, vem depressa,
Logo me contar,
Si a viste sorrir,
Si a viste corar.

Ah! não te demores,
Vae, corre meu Extro,
Sê meu confidente,
Deixa-te de sestro.

A ninguém reveles
Tua commissão,
E que se divulgue
Não te importes não.

Fala com o mundo
Como bem quizer,
Viva cada um
Como lhe aprouver.

Do *Recreio*, 1861.

Os Tírenos de uma amante

Amo muito... e na saudade
Soffro os tratos do inferno,
Arde em meu peito um vulcão
De amor delirante e terno.

Tambem, terno me idolatra
O mortal que adoro e preso,
Quando seu nome profiro
Do mundo as vozes desprezo.

Ainda mesmo opprimida
Nesta odiosa clausura,
Sou feliz, si elle de longe
Diz-me um adeus com ternura.

Ternos suspiros maguados
De um peito quase morto...
Ide ajuntar-vos aos delle,
Prestai-lhe vida e conforto.

Si soubesse o mundo infausto
Do poder desta paixão,
Desculpava os tristes ais
Que solta o meu coração.

Meu Deus! Meu Deus! Meu bom Deus!

Confesso a paixão que aturo ;
Revogai a lei tyranna
De meu fado austero e duro.

Quando o mundo me condemne,
Sò de vós quero a piedade,
Só vós julgaes compassivo
Delirios da Humanidade.

Azas de Cão

Clorinda, tu és um anjo
Na candura e na feição,
Mas, a Deus aprouve dar-te
Travessas azas de Cão...

Si hospedar inda eu pudesse
Terna, amorosa paixão,
Seria abraçar-me todo
Nas tuas azas de Cão.

Si voltar aos bellos tempos
Eu tivesse em minha mão
Por certo não fugirias
Nas tuas azas de Cão.

Mas, da idade a mão gelada
Já marcou-me o coração,
Não me toques, não me queimes
Com tuas azas de Cão.

Rasgar, romper bem queria
Minha terna devoção,
As plumas auri-franjadas
Das tuas azas de Cão.



